

Cenários bilíngües na escola brasileira: entraves, dilemas e possibilidades

Resumo da mesa

Terezinha de Jesus Machado Maher - UNICAMP

É extremamente complexa e desafiadora a educação de minorias quando o que se objetiva é ver respeitada a diversidade cultural e lingüística destes grupos sociais. Tendo em mente os desafios postos por esta meta, os trabalhos apresentados nesta mesa-redonda pretendem discutir, a partir de dados empíricos, as diferentes variáveis que cercam a educação de alunos provenientes de três grupos minoritários no país: alunos indígenas, alunos surdos e alunos de comunidades de imigrantes. Alguns dos determinantes necessários para a implantação de um bilingüismo escolar aditivo, ou seja, de programas de aquisição da língua majoritária aliados a programas de fortalecimento das línguas minoritárias serão focos privilegiados de discussão.

Resumos das intervenções

1. A construção das identidades surdas no contexto escolar: questões para uma prática pedagógica culturalmente sensível

Ivani Rodrigues Silva - UNICAMP

Nesta comunicação apresentarei dados de pesquisa de campo com o objetivo de discutir algumas questões que emergem da inserção do aluno surdo no ensino regular focalizando as representações que fazem pais e professores sobre o aluno surdo e a língua de sinais. Como trabalhar numa perspectiva culturalmente sensível em práticas sociais que valorizem o respeito à diferença e a afirmação das identidades surdas na escola? Apoiados numa visão etnográfica (Erickson, 1984, 1989), apresentaremos alguns indícios sobre a construção das identidades surdas nesse contexto, tentando mostrar que a (in)visibilização do surdo está ligada à dificuldade de se aceitar o surdo como um sujeito bilíngüe e essa postura tem sérias conseqüências para o processo de ensino/aprendizagem desse sujeito no âmbito escolar.

2. As representações de língua na escola indígena: perspectivas para a teoria no campo aplicado

América Lúcia Silva César – UFBA

Nesta comunicação, trarei dados de pesquisa de campo em escola indígena Pataxó, no Sul da Bahia, com foco nas concepções de língua portuguesa e língua indígena presentes nas falas de professores e pais da comunidade escolar. A partir dessa análise, alguns questionamentos se colocam: o que significa a língua portuguesa e a língua indígena no projeto de afirmação étnica e autonomia política dos Pataxó? Como essas concepções

dialogam com as categorias de língua e bilingüismo oriundas da tradição lingüística? Com essa reflexão, pretendo trazer uma discussão já em curso (Cavalcanti, M e César, no prelo), no sentido de repensar o instrumental teórico-metodológico de pesquisa no campo aplicado e o ensino/aprendizagem de língua portuguesa na escola pública.

3. O ensino de japonês no Brasil como língua de imigração

Elza Taeko Doi – UNICAMP

Historicamente, no Brasil, o japonês, língua de imigração, tem sido ensinado como língua materna nas comunidades nikkeis. A partir do final dos anos 1970, surge a proposta de ensiná-lo como língua estrangeira, com a constatação de que os aprendizes nikkeis nem sempre têm conhecimento prévio da língua. Considerando, no entanto, que o japonês é ainda praticado nas comunidades de imigrantes, para alguns descendentes bilíngües, ele assume o estatuto de língua de herança. Esse uso, todavia, restringe-se a domínios de comunicação em família e na comunidade, e a proficiência na língua fica geralmente limitada à oralidade coloquial. Nesta apresentação pretendemos apontar as necessidades de um ensino do japonês como língua de herança que atenda às lacunas que se verificam no desempenho desses falantes.